

Índice

Introdução	9
Segunda Variedade (<i>Second Variety</i> , 1953)	19
O Impostor (<i>Imposter</i> , 1953)	73
Brigada de Retificação (<i>Adjustment Team</i> , 1954)	91
Nesta Mortiça Terra (<i>Upon the Dull Earth</i> , 1954)	119
Autofab (<i>Autofac</i> , 1955)	146
Relatório Minoritário (<i>The Minority Report</i> , 1956)	177
No Tempo da Rita Catita (<i>The Days of Perky Pat</i> , 1963)	224
Precioso Artefacto (<i>Precious Artifact</i> , 1964)	256
Recordações por Atacado (<i>We Can Remember It for You Wholesale</i> , 1966)	276
A Fé dos Nossos Pais (<i>Faith of Our Fathers</i> , 1967)	303
A Formiga Elétrica (<i>The Electric Ant</i> , 1969)	342
Tenham Pena dos Temponautas (<i>A Little Something for Us Tempunauts</i> , 1974)	364



INTRODUÇÃO

Philip K. Dick é um escritor necessário, na aceção de se-não-tivesse-existido-teria-de-ter-sido-inventado. É o Lenny Bruce da literatura americana. À semelhança de Bruce, pode parecer um produto em estado puro da década de 50 (e, na frase certa de William Carlos Williams, os produtos em estado puro da América enlouquecem), alguém cuja inadaptação iconoclasta ao conformismo dessa época parece reclamar em altos gritos a nossa empatia contemporânea. E, tal como Bruce, a ânsia de o encaixarmos num qualquer molde cultural — Hippie, Teórico Pós-Moderno, Dissidente Político, Guru Metafísico — soçobra perante as contradições de uma personalidade peculiar e irascível. Ainda assim, não obstante os escolhos em que a sua prosa é pródiga, Dick deu mostras de uma acuidade sardónica, embora nem por isso menos pungente, ao retratar as proações da vida humana no século xx, fazendo dele um herói solitário para quem aprecia a sua escrita.

A grande proeza de Dick, bem patente nos contos aqui reunidos, consistiu em converter a matéria-prima da ficção científica americana de cordel num vocabulário ao serviço de uma perspectiva extraordinariamente idiossincrática da paranoia e do desalinhamento. É uma perspectiva tão anelante e tão torturada como a de Kafka, ainda que consideravelmente mais singela. É também tão cómica como a deste. Dick é um surrealista de lava-loiça que vai buscar energia e capacidade inventiva a uma amálgama tresloucada de imagens — e lugares-comuns — da FC de cordel, integrando-os na sua ficção: viagens no tempo, faculdades extrassensoriais, seres

extraterrestres dotados de tentáculos, pistolas de raios, andróides e robôs. Adora falsificações e simulacros, sem por isso deixar de os temer: mundos ilusórios, religiões de pacotilha, fármacos que não passam de placebos, falsos policiais, ciborgues. Governos mundiais tirânicos e cidades distópicas em ruínas são elementos quase obrigatórios do enredo. Não apenas Orwell e Huxley foram incorporados sem pestanejar nos mundos de Dick, o mesmo sucedeu com velhos mestres do gênero da FC como Clifford Simak, Robert Heinlein e A. E. Van Vogt. Em meados dos anos 50, a FC americana era uma espécie de jazz, as suas histórias construía-se fazendo variações sobre outras histórias anteriores. O diálogo assim encetado poderia ter-se tornado desagradavelmente hermético, caso não tivesse sido prontamente assimilado por Rod Serling, pela Marvel Comics e por Steven Spielberg (entre muitos outros), a ponto de se converter num dos vocabulários primordiais do nosso tempo.

Dick foi um dos primeiros escritores a usar estes elementos num registo deliberadamente absurdo — uma euforia do gênero «vejam só o que eu descobri!» que prenuncia a postura de escritores como Kurt Vonnegut, George Saunders e Mark Leyner. No entanto, depois de lançar as suas personagens nos meandros das invenções que cria, dignas da imaginação delirante de um Rube Goldberg, Dick descreve-lhes as ab-reações emocionais com simpatia meticulosa. As pessoas que ele retrata levam uma vida precária, sem nunca saberem se o desastre irá abater-se sobre elas no plano psicológico, ontológico ou farmacológico. Mesmo os seus ditadores mundiais tirânicos olham neuroticamente por cima do ombro, sempre na dúvida se alguma entidade mais poderosa irá reduzir a pó o seu mundo ou se irão ser desmascarados enquanto impostores devido a qualquer outra vicissitude. Em alternativa, há sempre a possibilidade de serem presos. Dick conquistou os seus paramentos de sumo sacerdote dos paranoicos à velha maneira: na sua ficção, todas as personagens estão sempre prestes a ser presas.

O segundo conjunto de temas a que Dick lançou mão era mais prosaico: uma obsessão absolutamente típica dos anos 50 com as imagens dos subúrbios, do consumidor, do burocrata, e com as provocações dos homens comuns a debaterem-se sob o jugo do capitalismo. Se é certo que Dick, enquanto californiano de gema, barbudo e

consumidor de drogas, talvez parecesse um bom candidato a participar no movimento Beat (e, na verdade, ele conviveu com os poetas de São Francisco), o seu apego arreigado às matérias-primas fulcrais da sua cultura impediu-o de se deixar embalar por devaneios de fuga à realidade. Esta postura, em vez disso, liga-o a escritores como Richard Yates, John Cheever e Arthur Miller (John Sladek, escritor satírico britânico, deu à sua paródia de Dick, aliás absolutamente certa, o título «Solar Shoe Salesman»). A maneira como Dick aborda a sua matéria-prima «realista» poderá parecer estranhamente apressada, como se as solicitações prementes das suas fantasias paranoicas, que lhe exigem que derrube a fachada, lance uma bomba atômica ou use outros métodos radicais para transformar a realidade corriqueira, tornassem afinal irrelevante a representação palpável dessa realidade. Porém, por mais que Dick se dedique a desmascarar ou destruir a negra prisão de ferro da vida nos subúrbios da América, acaba sempre por regressar a ela. Ao contrário das personagens de William S. Burroughs, de Richard Brautigan ou de Thomas Pynchon, os heróis de Dick, nos romances e nos contos que ele escreveu até bem tarde na década de 70, continuam a trabalhar para patrões mal-encarados, carregam pastas de documentos, enviam memorandos aos colegas de trabalho, fazem pequenos consertos nos motores dos automóveis diante das garagens das suas moradias, esfalfam-se para pagar a pensão de alimentos dos filhos e sonham libertar-se desta servidão — mesmo quando já emigraram para Marte.

Ainda que Dick seja importante, acima de tudo, enquanto romancista, os seus méritos literários estão bem patentes numa coletânea de contos como esta, que funciona além disso como uma espécie de autobiografia do escritor, um gráfico de crescimento. Embora, numa primeira fase, Dick oscilasse entre sátiras sociais ao jeito da Quinta Dimensão e um registo de aventuras de cordel repletas de perseguições que já estava exausto quando ele o abraçou («O Impostor»), os primeiros contos nem por isso deixam de vincar obsessões e de definir métodos a que ele lançaria mão ao longo das três décadas seguintes. Em «Brigada de Retificação» e «Autofab», começamos a deparar com o Dick dos grandes romances da década de 60, cujas personagens se definem mais pelo modo como supor-

tam as adversidades do que por qualquer triunfo sobre as circunstâncias. «Nesta Mortiça Terra» representa um atalho arrepiante que ficou por trilhar ao encontro das fantasias góticas, e lê-se como uma ramificação da obra de Shirley Jackson. Depois temos o registo emigrante-lavrador-marciano, que sempre revelou Dick no seu melhor: «Precioso Artefacto». Mais tarde, em «A Fé dos Nossos Pais», deparamos com o Dick da sua obra-prima tardia, A Scanner Darkly¹, a escrever com o I Ching pousado de um lado da secretária e o Simposium Terapêutico do outro. «A Fé dos Nossos Pais», juntamente com «A Formiga Elétrica» e «Tenham Pena dos Temponautas», figura entre as composições mais depuradas e perfeitas da carreira literária de Dick: humor negro no campo da política a diluir-se em teologia gnóstica, a teologia em medonho solipsismo, o solipsismo em desespero, depois em amor. E de regresso ao ponto de partida.

Se bem que Dick se sentisse nas suas sete quintas ao mergulhar nas matérias-primas da FC, o ver-se remetido à condição de mero autor de FC era algo que lhe desagradava profundamente. Quer ele estivesse pronto para o mundo quer não, ou quer o mundo estivesse pronto para ele quer não, Dick ansiava por reconhecimento e por respeitabilidade, e procurou alcançá-los ao longo de toda a vida das mais variadas maneiras, sem nunca o conseguir. Com efeito, escreveu oito romances num registo sombrio e realista durante a década de 50 e o início dos anos 60, uma carreira-fantasma divulgada principalmente junto dos agentes literários que se mostraram incapazes de convencer diversos editores nova-iorquinos a publicar estas obras. É inebriante imaginar o que Dick poderia ter feito se lhe tivessem proporcionado oportunidades profissionais mais vastas, mas restam poucas dúvidas de que a sua FC se tornou ainda mais interessante ao ser alimentada pelas energias frustradas das suas ambições de escritor mainstream. É também possível que o lado febril da personalidade de Dick o talhasse melhor para o estatuto de artista-lobo-solitário de que gozou durante a sua vida. Dick vivia obcecado com os estigmas, com as mutações e com o exílio, e ainda com a

¹ Publicado em Portugal com o título *O Homem Duplo*, tradução de Frederico Pedreira, Relógio D'Água, 2017. (N. T.)